Por que Fé e Trabalho Importam

Antonio Cabrera*

RESUMO: O ensaio examina a relação histórica entre liberdade econômica e liberdade religiosa, aplicando suas reflexões à situação brasileira atual. Conclui-se que ainda há muito a ser feito no tocante à garantia da liberdade econômica, que é uma das bases da liberdade religiosa, principalmente num contexto de crescente intervenção estatal devido à pandemia do coronavírus.

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade Econômica; Liberdade Religiosa; Vocação; Empreendedorismo

A maior parte da nossa história humana é pagã. Não custa lembrar que o mundo pagão era um mundo de muitos deuses, cada um deles associado a um povo que lhes fazia pagamentos e sacrifícios, às vezes até de seres humanos. Portanto, o advento do Cristianismo é um assunto relativamente recente, sendo que o seu surgimento é que derrubou este mundo pagão. Dentro desta perspectiva, há de se perguntar: como chegamos de lá até aqui? A resposta é a profunda transformação que o Cristianismo promoveu em todo o mundo, desde uma revolução no sexo e no casamento, exigindo que homens e mulheres se controlassem, proibindo todas as formas de estupro, confinando a sexualidade à monogamia, além de outras notáveis mudanças. O Cristianismo elevou as mulheres, ofertou às minorias a segurança dos direitos humanos, e iniciou uma nova e profunda jornada nas relações econômicas. Neste sentido, é muito bem-vinda esta série de encontros promovida pelo Instituto Brasileiro de Direito e Religião, visando esclarecer

^{*} Presidente do Centro Mackenzie de Liberdade Econômica. Foi Ministro da Agricultura e Reforma Agrária.

Dignitas—Revista Internacional do Instituto Brasileiro de Direito e Religião • ibdr.org.br/dignitas v.I, n.1, 1-.220. 2020.• p. 201-208.

o papel da religião na vida atual, mormente nestes tempos de pandemia do novo coronavírus. Infelizmente, a maioria das pessoas não tem ideia de como a religião é crítica para o funcionamento da democracia e, por conseguinte, das atividades produtivas.

Antes de mais nada, é preciso trazer à tona que a secularização da sociedade não continuará indefinidamente como tem ocorrido em nossos tempos. Não há registro, na história do mundo, de que tivéssemos tido no passado uma cultura avançada que tenha permanecido por tão longo período como a Europa contemporânea.

A cultura ocidental que hoje usufruímos é fruto de um sistema de crenças baseado no ensino central judaico e cristão de que a vida humana é valiosa, e de que todos os homens, sem exceção, foram criados à imagem de seu Criador. Apesar de todo o nosso avanço tecnológico e desenvolvimento econômico, a crise de saúde atual descortinou para muitos de forma inédita a fragilidade da vida humana. É como se a sociedade estivesse descobrindo a morte, ou melhor, parece que a humanidade tinha esquecido que este mundo nunca será o paraíso que os homens e mulheres seculares desejaram que fosse, e que todos, sem exceção, vão morrer!

Não importa o que você fizer, o que você alcançar, ou o que você possua, você morrerá. Reforçando, o confinamento também ensinou que não somos uma civilização de indivíduos, somos uma civilização de famílias. A maioria das pessoas está redescobrindo que a vida humana é uma grande empreitada de cuidados entre gerações.

No tocante às atividades produtivas, estamos reaprendendo que tudo em nossas vidas está ligado à economia. Se a economia se deteriora, nosso padrão de vida vai junto. E, com ele, nossas mais básicas liberdades civis. Das roupas que vestimos à comida que comemos, dos nossos empregos à nossa educação: a economia está em todas as coisas. E, sem liberdade econômica, não é possível haver liberdade. Não há liberdade política se os agentes políticos são totalmente dependentes do Estado. Não há liberdade religiosa se aqueles que desejam exercer o direito de crença não têm a devida autonomia financeira. Não há liberdade de imprensa se os órgãos de mídia são vinculados de forma extrema à propaganda estatal. Enfim, não há qualquer tipo de liberdade sem a liberdade econômica.

Para deixar claro, a liberdade econômica é a liberdade com a qual a maioria das pessoas comuns se importa. Sem dúvida, a liberdade de expressão, de imprensa, de promover uma assembleia ou o processo de votação de um novo governo são, no longo prazo, proteções essenciais para toda a liberdade, inclusive para o direito econômico de comprar e vender. Mas as altas liberdades são apreciadas principalmente por uma minoria edu-

cada. A maioria das pessoas – a longo prazo, é verdade— não confere uma importância maior à liberdade de expressão, desde que elas possam abrir uma loja quando quiserem e dirigir um negócio pagando salários decentes.

No entanto, infelizmente, a liberdade econômica geralmente é uma das últimas que a civilização abraça e defende. Conceder o direito à vida sem o direito à liberdade econômica é negar ao homem um dos principais fatores que fazem sua vida valer a pena. Se eu quero encontrar uma solução para a pobreza econômica, ou uma maneira de milhares de pessoas escaparem da pobreza, é preciso haver a produção de mais bens e serviços. E, para isso, temos que saber qual sistema econômico é o mais produtivo, pois quando uma nação se torna mais próspera, ela favorece os pobres, e não nos atrevemos a abandonar essa esperança em função do receio de um maior materialismo. Nos países ricos, as pessoas são mais saudáveis, vivem mais, têm acesso a uma série de recursos, andam em estradas melhores, têm mais férias e mais tantos outros benefícios.

Este é o ponto que quero reforçar. A igreja cristã, infelizmente, tem dado pouca atenção à economia dentro de uma cosmovisão bíblica. Se temos uma má teologia, teremos consequentemente uma má economia. Para um cristão, ter um coração para os pobres não é difícil, mas ter uma mente para os pobres, com um melhor entendimento da economia e do mercado, este é o grande desafio.

Repare nisto: das 132 histórias bíblicas de Jesus, 122 ocorreram no mercado, ou, para ficar mais claro, dos 40 eventos milagrosos registrados nos Atos dos Apóstolos, 39 ocorrem fora de qualquer ambiente religioso. O próprio Brasil é testemunha da importância do mercado para a religião, pois o Evangelho realmente começou a prosperar em nossas terras depois do Tratado de Livre Comercio com a Inglaterra em 1810!¹

O objetivo deste ensaio não é apenas falar bem da economia de mercado, porque abraçamos uma ideologia sem alma ou porque praticamos uma idolatria do mercado. Em vez disso, ele se deve ao nosso respeito pela liberdade humana e ao nosso desejo de que as estruturas sociais possam reafirmar a dignidade de todos. Isso implica encontrar um sistema econômico

¹ No dia 19 de fevereiro de 1810, foi assinado o *Tratado de Amizade, commercio, e navegação entre sua alteza real o principe regente de Portugal e sua magestade britannica*. Ele não apenas tratou de livre comercio, mas foi a primeira autorização de liberdade de culto aos protestantes no Brasil. Com efeito, o artigo 12 do referido tratado diz que "os Vassallos de Sua Magestade Britannica, residentes nos seus territórios e domínios, não serão perturbados, inquietados, perseguidos, ou molestados por causa de sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de Consciencia, e licença para assistirem, e celebrarem o Serviço Divino em honra do Todo Poderoso Deus...." (Portugal, *Tratado de Amizade, commercio, e navegação entre sua alteza real o principe regente de Portugal e sua magestade britannica* (Lisboa: Impressão Regia, 1810), art. 12. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7405?locale=en. Acesso em 10/08/2020.

que, ao mesmo tempo que oferece saídas para a liberdade humana no mercado, também pode ajudar a aliviar a pobreza, aumentar os padrões gerais de vida, respeitar a propriedade privada e minimizar a coerção. Em vez de desprezar a ordem de mercado, os cristãos deveriam enxergá-la como a maneira pela qual Deus providencialmente rege as ações de bilhões de pessoas em todos os cantos do planeta. O mercado nada mais é do que um deslumbrante exemplo da providência de Deus sobre um mundo decaído.

Assim, todos devem ter a oportunidade de escolher e viver de acordo com sua vocação. Todos devem ter acesso ao capital físico necessário para ganhar a vida, produzindo para seu próprio consumo em uma fazenda ou produzindo para troca em uma empresa.

Quero iniciar pela doutrina da vocação para mostrar os prejuízos que a falta da liberdade econômica impõe à sociedade. Quando Lutero estava trabalhando na tradução da Bíblia, ao deparar-se com o texto de 1 Cor 7:20, foi desta maneira que o texto foi impresso:

Cada um permaneça na vocação em que foi chamado. (1 Cor 7:20)

Antes da Reforma Protestante, a vocação era apenas um significado para o trabalho integral na igreja, na qual a pessoa seria um padre, um monge ou uma freira. Vocação, portanto, era ter uma vida celibatária. Isto explica por que a palavra "vocação" tem uma conotação religiosa, no sentido de um plano de vida. Deste modo, nem os povos antigos, nem a Antiguidade Clássica conheceram um termo equivalente, ao mesmo tempo que ele tem existido entre todos os povos predominantemente protestantes. Originou-se nas traduções da Bíblia, da mentalidade do tradutor, e não do texto original, aparecendo pela primeira vez numa tradução de Lutero e depois adquirindo seu significado atual na linguagem cotidiana.

Assim, a doutrina da vocação não é simplesmente um ensinamento sobre o valor do trabalho. Ela abrange a teologia da vida cristã, mostrando como deve ser a vida de um cristão no mundo, uma vez que a fé produz frutos em obras. A conclusão óbvia é que, quando desempenhamos fielmente nossas vocações, os nus são vestidos, os famintos são alimentados, os enfermos são curados e os ignorantes são educados. Ou seja, qualquer que seja a sua vocação, se feita de maneira agradável a Deus, ela é essencial para a existência humana.

No entanto, quando chegamos no momento de uma pandemia como esta, concedemos que o Estado possa definir o que é um serviço essencial. E nosso ponto aqui é: quem deu o direito de o Estado definir o que é essencial? Se a vocação é do individuo, pois ela jamais será do Estado, como pode um burocrata se arvorar nessa intromissão sobre o ato de se buscar a realização da vocação de cada um. O próprio Lutero nos ajuda a responder

a esta questão, pois no seu Catecismo Maior, quando faz comentários sobre o "pão nosso de cada dia", ele ensina que "quando você ora pelo pão diário, está orando por todas as coisas que contribuem para que tenha e desfrute seu pão diário"².

Indo adiante, é também interessante verificar que a liberdade econômica tem uma profunda relação com a caridade. Toda vez que promovemos uma diminuição da liberdade de produzir, estamos também afetando a área de ação social da sociedade. A própria Bíblia mostra a existência desta relação entre a caridade e o trabalho:

Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado. (Ef 4:28)

Ou talvez, na versão da linguagem de hoje, o contexto fique mais claro:

Quem roubava que não roube mais, porém comece a trabalhar a fim de viver honestamente e poder ajudar os pobres. (Ef 4:28)

Também na Epístola de Paulo a Tito a mensagem é cristalina:

Agora, quanto aos nossos, que aprendam também a exercer ocupações honestas para suprir as suas necessidades. (Tt 3:14)

Enfim, quanto mais restringimos a liberdade de trabalho de qualquer cidadão, estamos empobrecendo a produção de bens econômicos que a mesma sociedade precisa, mormente os mais vulneráveis. Não apenas isto, mas uma sociedade que prospera é aquela que tem condições de enviar missionários. Indivíduo que tem renda é aquele que pode ajudar missionários.

Com o decorrer da pandemia, fomos aprendendo que o principal papel do governo infelizmente é apenas proibir. Mesmo quando milhares de brasileiros eram infectados cada dia pelo Covid-19, a Anvisa ainda proibia a venda do teste rápido para o vírus nas farmácias. Não se trata de defender tal tipo de procedimento, mas é importante que a decisão final sobre o local onde cada brasileiro deseja fazer o seu teste seja uma decisão sua, e não de um Estado-babá. Afinal, o teste é essencial para gerenciar uma epidemia, mas a escolha do tipo de teste deve ser de cada cidadão. Além disso, a Anvisa também passou a permitir uma maior liberalidade no fabrico de álcool gel e mascaras, o que permite concluir que o principal papel do governo é apenas e tão somente proibir.

O que espero é que, após a pandemia, possamos encontrar um Brasil com mais liberdade e uma grande redução da burocracia. Um exemplo im-

² Martin Luther, *Luther's Large Catechism: With Study Questions*, trad. F. Samuel Janzow (Concordia, 1978), p. 90.

portante é a autorização que o Conselho Federal de Medicina deu para o funcionamento da telemedicina durante a pandemia, um verdadeiro exemplo de regulação ruim. Você já imaginou se esta autorização funcionasse também após a pandemia, o quanto ela facilitaria o atendimento em populações extremamente vulneráveis, como os ribeirinhos da Amazônia ou os habitantes de aldeias indígenas? Aliás, quanto aos indígenas, deve-se esclarecer que, embora sejam os maiores latifundiários do país, eles são praticamente proibidos de plantar em suas reservas indígenas. Assim, de nada adianta nos envolvermos em missões nas áreas indígenas, se ao índio não for concedida uma carta de alforria para a sua autonomia financeira.

Enfim, o que estamos assistindo é um aumento do Estado sem precedentes durante a pandemia, com o consequente endividamento da máquina pública. Neste quesito, o mês de junho foi o pior resultado mensal da série histórica, iniciada em 1997. A dívida bruta do Governo Federal, em relação ao PIB, está saltando de 75% para mais de 100%, o que significa que estamos hipotecando o futuro da nação. Importante observar que toda criança nascida hoje herda uma parte dessa dívida, o que indica que estamos vivendo às custas de nossos filhos. E este déficit é uma tremenda injustiça intergeracional, pois tal dívida pode ser vista, essencialmente, como um empréstimo das gerações futuras para a geração atual. O resultado é que essas gerações terão menos recursos para realizar seus próprios projetos, como cuidar dos pobres e necessitados. Como cristão, cada um de nós deve questionar qual a moralidade deste arranjo?

De uma maneira geral, nós somos rápidos para elogiar aquilo que vemos — uma instituição de caridade que distribui comida para os miseráveis —, mas negligenciamos ou até mesmo condenamos aquilo que não vemos: todo o trabalho e cooperação que foram necessários para produzir e distribuir essa mesma comida. Se quisermos atender às necessidades das pessoas, devemos produzir os bens. A produção é uma condição necessária da missão crítica para o bem-estar material dos pobres. Avançando, o que estou tentando mostrar é que alguns tipos de mal são fáceis de ver. Se fomos assaltados por um ladrão, sabemos quem é o vilão. Mas os casos de regulamentação são mais complexos. As pessoas comuns podem não saber que às vezes o seu pãozinho mais caro é causado pela regulamentação do governo. Você também pode reclamar do preço da passagem sem saber que não se pode abrir outro aeroporto pelo sistema de concessão, o que traria mais competição e uma disputa pelos preços. As pessoas frustradas podem erroneamente culpar o mercado e até se tornar mais favoráveis à economia socializada.

Finalmente, o resultado é que expandimos o governo a níveis impensáveis: pagar salários, sustentar negócios e limitar as liberdades. Estamos a todo o momento clamando que o Governo é o meu pastor e nada me fal-

tará, numa clara quebra do primeiro mandamento. É como se eu professasse uma nova confissão de fé, na qual o governo é o caminho, a verdade e a vida. Antes mesmo da pandemia, o governo emitia mais de 60 milhões de cheques todo mês. Nesta falta de liberdade econômica, o que assistimos é a apoteose do Estado e o declínio da fé. Infelizmente, estamos clamando cada vez mais ao Estado para que nos sare de nossas enfermidades ou socorra os menos afortunados. É neste momento atual que precisamos urgentemente lembrar que a fé e o direito de poder exercer o trabalho são importantes. Afinal, o "Estado é só uma instituição, um edifício", não é responsável por ninguém. Só pessoas, com eu ou você, é que podemos cuidar de outras pessoas.

Referências bibliográficas

Luther, Martin. Luther's Large Catechism: With Study Questions. Traduzido por F. Samuel Janzow. Concordia, 1978.

Portugal. Tratado de Amizade, commercio, e navegação entre sua alteza real o principe regente de Portugal e sua magestade britannica. Lisboa: Impressão Regia, 1810. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7405?locale=en. Acesso em 10/08/2020.

Why Faith and Work Matter

ABSTRACT: This essay looks at the historical relationship between economic and religious freedom, applying its conclusions to the current Brazilian context. It finds that there is much yet to be done regarding the protection of economic freedom, which is one of the supports of religious freedom, especially in a context marked by increasing state intervention due to the coronavirus pandemic.

KEYWORDS: Religious freedom; Economic freedom; Vocation; Entrepreneurship